

JÚLIA CORTINES E O PARNASIANISMO

JÚLIA CORTINES AND THE PARNASSIANISM

Ana Paula Nunes de Sousa¹
Andressa Silva Sousa²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo evidenciar as marcas de estilo do Parnasianismo na obra de Júlia Cortines, especificamente em suas *Vibrações* (1905), como a predileção pelo soneto, o uso recorrente do verso alexandrino clássico e dos processos de acomodações silábicas sinalefa e sinérese. Para isso, utilizamos uma ferramenta digital, o Aoidos (<https://aoidos.ufsc.br/>), que realiza escansão automática de poemas escritos em português e espanhol, e que fornece a quantificação dos metros, dos esquemas rítmicos e dos processos de acomodações silábicas.

Palavras-Chave: Júlia Cortines; Parnasianismo; estudo quantiqualitativo.

ABSTRACT

This article has as aim to evidence the marks of the parnassianism's marks in the work of Júlia Cortines, specifically in her *Vibrações* (1905), like the preferring of sonnets, the recurrent use of classical alexandrine verse and the process of accommodation syllabic synalepha and syneresis. For that, we use a digital tool, Aoidos (<https://aoidos.ufsc.br/>), that can make automatic scansion of poems written in Portuguese or Spanish, and that provides the quantification of metering, rhythm scheme and the process of syllabic accommodation.

Keywords: Júlia Cortines; Parnassianism; Quantitative-qualitative study.

A poetisa de Rio Bonito

Maria Júlia Cortines Laxe nasceu em Rio Bonito, Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1868, uma poetisa pouco conhecida nos nossos dias, de quem quase não se ouve falar, mas que foi muito bem elogiada pela crítica e seus pares durante os anos finais do século XIX e os primeiros do século XX. Sua produção literária não é extensa,

¹ Bolsista de doutorado do CNPq - Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLIT-UFSC). Mestre em Literatura pelo mesmo programa de pós-graduação (PPGLit-UFSC). Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA Campus Caxias - 2020). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NuPILL) e do Núcleo de Pesquisa em Literatura, Arte e Mídias (LAMID). E-mail: anapaulacxs1234@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal do Piauí (PPGEL-UFPI). Mestra em Letras - Teoria Literária - pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA (2019). Possui graduação em Letras Licenciatura Habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA Campus Caxias (2017). Integrante do grupo de pesquisa CNPq: Literatura, Arte e Mídias – LAMID. Bolsista FAPEPI. E-mail: andysousa.jc@hotmail.com

mesmo que tenha vivido até os 80 anos de idade. Ela publicou seu primeiro livro, intitulado *Versos*, em 1894, com um prefácio de Lúcio de Mendonça. Os poemas que compõem essa obra “[...] falam da natureza, do mar, das árvores e das flores, além das deusas pagãs” (PAIXÃO, 2004, p. 477). Em 1905, Cortines publicou o seu segundo livro, *Vibrações*. Nele, conforme pontua Sylvia Paixão (2004), ela apresenta novas qualidades poéticas. Essa poetisa “[...] propõe a palavra como forma de rejeitar a imagem preconcebida pela poética masculina. Como sujeito do discurso, a mulher rompe com o símbolo estipulado como norma, recusando a passividade e a inação” (PAIXÃO, 2004, p. 477).

José Veríssimo, um dos poucos estudiosos da literatura brasileira que se dispôs a analisar e comentar a produção literária de Júlia Cortines, ressalta o valor de *Vibrações* (1905), para o qual “vale mais, muito mais do que em geral a obra das nossas poetisas e até do que a da maioria dos nossos inúmeros poetas” (VERÍSSIMO, 1905, p. 17). Outra que tece comentários interessantes acerca da vida e obra dessa poetisa, é Nelly Novaes Coelho (2002), no livro *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. A pesquisadora ressalta que Cortines chegou a ser, à sua época, “consagrada como a mais alta expressão feminina do parnasianismo, depois de Francisca Júlia” (COELHO, 2002, p. 309).

Nascida em família rica, Júlia Cortines “desde a infância foi iniciada nos estudos de literatura e línguas, revelando grande talento para a criação literária. Fez várias viagens à Europa e escreveu acerca de suas impressões, no Jornal *O País* (RJ)” (COELHO, 2002, p. 309). Nesse jornal, informa Nelly Coelho (2002), Cortines escreveu para uma coluna intitulada “Através da Vida”, e, além dele, escreveu também para outros periódicos de grande circulação naquela época, bem como: *A Bruxa* (RJ), *Anais* (RJ), *A Semana* (RJ) e *A Família* (RJ). Nesse último, cuja definição chama muito a nossa atenção (Jornal literário dedicado a educação da mãe e família), ela colaborou juntamente com algumas das principais figuras da literatura de autoria feminina do país, como Maria Zalina Rolim.

A maioria dos poemas divulgados nesses periódicos foram reunidos e publicados nos dois livros de Cortines, como é o caso de “Esboço”:

- 1 - Mistérios só, de um lado, e sombras...
- 2 - Em seguida,
- 3 - A estrada tortuosa e aspérrima da vida,
- 4 - Onde impreca a Revolta, onde brada o Terror,

5 - Onde geme a Saudade e se lastima a Dor,
6 - E, co' o gesto convulso e os traços descom
7 - [postos,
8 - Batidos pelo vento, à tempestade expostos,
9 - Atropelam-se, em doida e febril confusão,
10 - O Desespero, a Raiva, a Cólera, a Paixão,
11 - Cujo concerto de ais e de pragas abala
12 - O espaço, emudecendo o temporal que estala...

13 - Do outro lado, somente o tenebroso mar
14 - Da morte, em que por fim tudo irá se atufar...
(CORTINES, *A Semana*, 1895, p. 106).

Esse poema foi publicado pela primeira vez em 04 de maio de 1895, na revista *A Semana*. No entanto, mais tarde, ele seria publicado novamente, mas agora sob o título “Entre abismos”, fazendo parte de sua segunda obra, *Vibrações* (1905). Além da mudança no título, percebemos que “Esboço”, poema classificado como sendo um alexandrino clássico, apresenta uma pequena alteração no que toca ao verso da linha 1. Observamos que esse verso, composto por doze sílabas poéticas, está disposto em duas linhas, isto é, a segunda é o complemento da primeira, algo semelhante com o que acontece também nas linhas 6 e 7. Entretanto, na versão publicada em *Vibrações* (1905), “Esboço” não apresenta essa “quebra”. Todavia, acreditamos que essa mudança tenha sido feita de caso pensado, já que, em 15 de fevereiro de 1913, o jornal *O Farol* republica-o. Mas, nessa ocasião, é mantido o título “Esboço”, a mudança foi feita apenas nos versos 6 e 7³.

Igual ao poema “Esboço”, Júlia Cortines publicou, em *A Semana*, no dia 15 de junho de 1895, o soneto “A minha musa”, que também compõe suas *Vibrações* (1905):

Musa, toda a minha alma a tua alma retrata:
Se rio, o riso entreabre os teus lábios em festa;
Sofro, e sobre o palor da tua face mesta
Tristemente o colar do pranto se desata.

Sonho, e a mundos ideais o enlevo te arrebatá...
E o que a minha alma admira, ama, odeia e detesta,

³ Interessa dizer que essa era uma constante entre os poetas da “fase parnasiana”. Com o fim de alcançar a perfeição formal, ao republicarem seus poemas, os parnasianos realizavam, quase sempre, alterações e/ou modificações. A poetisa Francisca Júlia, por exemplo, conforme escreve Péricles Eugênio da Silva Ramos (1967), a fim de combater a chamada “frouxidão dos versos”, realizou grandes mudanças em alguns poemas que compõem *Esfinges* (1903), que é a continuação de *Mármore* (1895). Além do mais, essas mudanças foram notadas também na segunda edição de *Esfinges* (1921), que foi organizada e compilada por Monteiro Lobato.

E ilumina-me o olhar e sombreia-me a testa,
O teu gesto traduz e a tua voz relata.

Quer te eleves no voo audaz do pensamento
E vás livre pairar das estrelas em meio,
Quer te embale de leve um brando sentimento,

Quer estejas alegre, atormentada ou calma,
É-me grato sentir que dentro do teu seio
Vibra o meu coração e palpita a minha alma
(CORTINES, *A Semana*, 1895, p. 155).

José Veríssimo (1907), ao analisar esse poema, chega a comparar a poesia de Júlia Cortines à da poetisa italiana Ada Negri. Para o crítico, existe, nesse soneto, “uma relativa franqueza de sentimentos e um vigor extraordinário” (VERÍSSIMO, 1907, p. 180). Com ele, diz o crítico, “Júlia Cortines exprime o verdadeiro estro, há sensações delicadas e íntimas, e de grande valor poético” (VERÍSSIMO, 1907, p. 173). Ainda segundo Veríssimo:

Há nesta poetisa alguma coisa mais que a virtuosidade do cantar, e o título do seu livro *Vibrações* não é, como o de tantos outros, uma designação sem sentido. Não, no seu, percebe-se um sentido, uma alma que sofre e que pena, um coração que, embora relido pelas conveniências sociais e respeitos humanos, está a pique de transbordar, e vibra calorosamente (VERÍSSIMO, 1907, p. 173).

Isso posto, mesmo que Júlia Cortines tenha tido uma recepção favorável pela crítica literária de sua época, pouco ou quase nada é falado a respeito de sua produção nos dias atuais, sua obra foi dada ao esquecimento e abandono. Assim, tendo em vista esse apagamento e/ou exclusão de sua produção nas histórias literárias brasileiras e antologias poéticas, objetivamos, com este artigo, evidenciar, a partir do método quantiquantitativo de análise⁴, as marcas de estilo do Parnasianismo na obra de Cortines, especificamente em *Vibrações* (1905), como a predileção pelo soneto, uso recorrente do alexandrino clássico e dos processos de acomodações silábicas sinalefa e sinérese. Para isso, utilizaremos o Aoidos, que fará o levantamento automático dos elementos formais de versificação presentes nessa obra, tais como a escansão automática dos poemas e a

⁴ Também chamado de estilometria literária e/ou estilística estatística, é um método de pesquisa que consiste no estudo do objeto literário viabilizado por meio de ferramentas computacionais que possibilitam ao pesquisador realizar levantamento estatístico de elementos estilísticos de escritores, épocas e/ou escolas literárias.

quantificação dos metros, dos esquemas rítmicos e dos processos de acomodações silábicas.

A recepção crítica da produção literária de Júlia Cortines na imprensa periódica

Feita uma busca na *Hemeroteca Digital*, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>), foram encontrados comentários relevantes acerca da produção literária de Júlia Cortines. Wenceslau de Queiroz, em publicação datada de 09 de abril de 1905, no *Correio Paulistano*, afirma que Cortines foi, sem dúvida alguma, uma poetisa de ideias filosóficas, apresentando, em sua obra, temas fortes e pensamentos ousados, incomuns na produção literária de autoria feminina do período. Essa poetisa, conforme diz Wenceslau de Queiroz, que apareceu quando o Parnasianismo e o Decadismo já tinham alcançado grande destaque na cena literária brasileira, precisamente no final do século XIX e início do XX, fez uso somente da parte “sã e verdadeira” de cada um desses movimentos, mantendo-se uma parnasiana purista na forma, mas sem deixar de deter-se ao conteúdo (QUEIROZ, 1905). De modo geral, Cortines teria sido uma poetisa mais comedida, sem muitos exageros, e que, “ao contrário de Francisca Júlia, cuja poesia refletiu cada vez mais intensamente a crença de que a morte é uma libertação e de que a alma não perece” (RAMOS, 1967, p. 235), tinha uma maneira mais impessoal de elaborar seus poemas, que era, segundo pontua a crítica literária (BANDEIRA, 1951; RAMOS, 1967; STEGAGNO-PICCHIO, 2004; BOSI, 2017), um dos ideais artísticos associados ao Parnasianismo, seja ele brasileiro ou francês.

Seguindo nessa mesma linha de pensamento, em publicação feita no jornal *Correio da Manhã*, datada do dia 30 de abril de 1905, Otávio Augusto⁵, também em referência à produção de Júlia Cortines, informa que a obra dessa poetisa fluminense apresenta traços estilísticos muito característicos de poetas como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Emílio de Menezes e Francisca Júlia. Isso, devido à riqueza da rima, ao efeito musical dos versos graves, esdrúxulos e agudos, à flexibilidade do hemistíquio, à difícil colocação dos cortes e *enjambements*, além das injeções vocabulares no verso, quando se fala do alexandrino clássico (SOUSA, 1905).

⁵ Otávio Augusto Inglês de Sousa foi poeta, tradutor, engenheiro civil e professor. Além disso, é interessante dizer que ele publicou as obras *Fausto Asverus* (1919) e *A torrente encadeada* (1921).

Fausto Cunha, em *A poesia esquecida de Júlia Cortines*, artigo publicado no dia 03 de abril de 1954, em *Letras e Artes*, também ressalta essas semelhanças de estilo entre Cortines e os poetas acima mencionados. No entanto, para ele:

Pode-se apontar, como mais pronunciadas em Júlia Cortines, a influência de Bilac, Alberto, Raimundo e Augusto de Lima; essas influências são mais sensíveis, umas em “Versos”, outras em “Vibrações”. Parece que à Júlia era particularmente querida a poesia italiana: traduziu poemas de Leopardi, Ada Negri e de outros. Leopardi chega a ser uma espécie de constante na obra da poetisa de Rio Bonito; inspira-lhe, inclusive, um poema (CUNHA, *Letras e Artes*, 1954, p. 03).

Júlia Cortines, ao lado de Francisca Júlia da Silva e Júlia Lopes de Almeida, compõe o que Lúcio de Mendonça (1897) chamou de “As três Júlias”, em artigo publicado no *Almanaque Brasileiro Garnier*. Nessa sua crítica, Mendonça fala da familiaridade de estilo existente entre essas três poetisas. Para o poeta, “a varonilidade do espírito destas três senhoras não lhes tira, mesmo literariamente falando, as graças do sexo — a delicadeza do sentimento, a finura da análise, a emoção mais vibrante e todo o encanto do recato” (MENDONÇA, *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1897, p. 247).

No caso específico de Júlia Cortines, interessa mostrarmos o que Mendonça pontua sobre ela, um comentário pertinente e que muito diz acerca de sua poesia:

Júlia Cortines, cujo livro de estreia coube-me a honra inesquecível de apresentar ao público, em toda essa coleção, que é grande e vária, nem uma vez só, ou, mais exatamente, uma única vez, e essa mesma, em uma tradução, escreve o nome de Deus, segundo lá observei quando quis mostrar que iam ler um livro realmente forte, moderno, sem pieguices nem derretimentos, ainda que nele gemia encantadoramente toda a ternura da alma feminina (MENDONÇA, *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1897, p. 247).

Posto isso, interessa dizermos que, embora Cortines tenha tido uma boa recepção pela crítica de sua época, ela, diferente de suas companheiras Francisca Júlia e Júlia Lopes, não dispõe do mesmo reconhecimento nos dias atuais. Fausto Cunha compartilha dessa ideia quando argumenta que “da constelação das três Júlias, coube a poetisa de ‘Vibrações’ a maior parcela de esquecimento” (*Letras e Artes*, 1954, p. 03). Ao passo que Francisca Júlia, como aponta Cunha (*Letras e Artes*, 1954, p. 03), conseguiu,

“graças a frase-feita de que foi nosso único parnasiano verdadeiro”, firmar-se mais ou menos nas histórias literárias e nas antologias poéticas, assim como Júlia Lopes de Almeida, que também conseguiu visibilidade na cena literária, pelo menos se comparada à Cortines.

Além de pontuar a familiaridade de estilo existente entre Cortines e os principais representantes do Parnasianismo, como Bilac, Alberto e Correia, nessa crítica, Fausto Cunha (1954) chegou a dizer que a poetisa de Rio Bonito apresenta certa semelhança de estilo para com o Romantismo, precisamente no que toca ao poeta Castro Alves, a saber:

Meu primeiro contato com a poesia de Júlia Cortines se deu através de uma de suas realizações mais desligada da linha geral: “O Condor”, a influência de Castro Alves nesse poema é evidente. O tema, o vocabulário, a imagética são os mesmos. Publicado em “Vibrações” (1905) é dos poucos liames de Júlia com o romantismo. Até hoje guardo de memória algumas estrofes dessa composição, que lá nesse ano de 1940, me impressionara fortemente (CUNHA, *Letras e Artes*, 1954, p. 03).

Ao tratar especificamente de *Versos* (1894), Fausto Cunha discorda da afirmação feita por Lúcio de Mendonça (1894) no prefácio que produziu para essa obra, sobretudo quando ele diz que nela não existe “pieguice e derretimentos”, algo que os poetas ditos parnasianos combateram profundamente na poesia romântica. Para Cunha (1954), embora *Versos* (1894) não seja considerada uma obra lânguida, existe, sim, “algumas exprobrações amorosas muito exageradas” (CUNHA, *Letras e Artes*, 1954, p. 03).

Para além dos comentários críticos feitos por Fausto Cunha (1954), e pelos demais estudiosos expostos até aqui, encontramos também informações acerca de Júlia Cortines e sua obra na revista *A Semana*, em artigo publicado no dia 19 de maio de 1894:

Abrilhanta pela primeira vez as nossas colunas uma poesia de Júlia Cortines, a inspirada poetisa fluminense, cujo livro de estreia **Quadros e sonhos**, prefaciado pelo nosso companheiro Lúcio de Mendonça, ficou destruído pelo incêndio das oficinas da Companhia Editora Fluminense. Não fora aquele acidente (que aliás nos livrou de uma péssima empresa editora), e o nome de Júlia Cortines já possuiria a auréola que a tem de cingir em nossas letras (ANÔNIMO, *A Semana*, 1894, p. 03, grifos nossos).

Conforme verificamos nos termos grifados, a princípio, Cortines escolheu “Quadros e sonhos” como título para o seu livro de estreia, isto é, *Versos* (1894). Porém, em decorrência de um incêndio ocorrido na tipografia Companhia Editora Fluminense, a qual estava responsável pela impressão da obra, o seu desejo não pôde ser materializado.

Em 28 de outubro de 1894, o crítico que assina seus textos com as iniciais A. A., no jornal *O País*, ao falar do livro *Versos* (1894), também menciona esse fatídico acidente:

É curiosa a história desse livro. A poetisa ano passado levara o manuscrito à Companhia Editora Fluminense, que o devia imprimir. Antes, porém, de ter começado o trabalho da composição tipográfica, as oficinas pegaram fogo, e lá se foram os autógrafos! Do livro salvou-se apenas o belo prefácio de Lúcio de Mendonça, porque tinha sido publicado n’*O Álbum*. Imagine-se o desespero da poetisa, vendo os seus versos — de que não tinha outras cópias — completamente destruídos pelo incêndio. Felizmente Júlia Cortines tem boa memória, e pôde, calculem o esforço mental, reconstruir todo o livro! Ainda bem, porque fora realmente para lastimar que estas páginas ficassem para sempre sepultadas no entulho de um incêndio (A. A., *O País*, 1894, p. 02).

De outro modo, no dia 05 de novembro de 1894, esse mesmo jornal lança nota crítica sobre *Versos* (1894). Como estabelece Lúcio de Mendonça (1894), o autor da nota afirma que Júlia Cortines apresenta, nessa sua obra, “espírito completamente desprovido de preconceitos, sem o lirismo açucarado e piegas” (A. A., *O País*, 1894, p. 03).

Contudo, vale dizermos que foram encontradas, em periódicos como *A Notícia* (RJ) e *O Malho* (RJ), outras notas críticas acerca de Júlia Cortines e sua produção literária, mas, a fim de que o trabalho não fique muito extenso, partiremos para a seção seguinte, em que será feita, dentre outras coisas, a análise quantiquantitativa de *Vibrações* (1905).

Uma poetisa da arte pela arte

Como dito no início do trabalho, Júlia Cortines publicou apenas dois livros, *Versos* (1894) e *Vibrações*, esse último composto por 47 poemas, sendo publicado em 1905, pela Tipografia Universal de Laemmert. Bem recebido pela crítica do período, *Vibrações* rendeu à poetisa muitos comentários elogiosos, como informa Veríssimo (1907). Nessa época, tornava-se ela, ao lado de Francisca Júlia da Silva e Júlia Lopes de Almeida (As três Júlias), uma das representantes da produção literária brasileira de autoria feminina.

A poesia de Júlia Cortines, informação já destacada, não se assemelhava, à sua época, ao que era comumente dito a respeito da escrita literária feminina, melhor dizendo, “uma escrita romantizada”. Cortines, inspirada em grandes nomes da literatura nacional e universal (cita-se, aqui, o ensaísta, filólogo e poeta Giacomo Leopardi, para o qual ela dedica, inclusive, um poema), possui uma maneira muito particular de escrita.

Segundo escreve Péricles Eugênio da Silva Ramos (1967), em *Poesia Parnasiana*, os poemas dela não são, por assim dizer, “otimistas”, pelo contrário, o eu lírico dos poemas de Júlia é, por vezes, pessimista, como se vê no poema “A Giacomo Leopardi”, em que diz: “Leio-te: e a triste e máscula poesia/Que dos teus lábios flui, dolente e forte,/Enche a minha alma de melancolia” (LAXE, 2010, p. 130). Outros poemas de Cortines que apresentam ideias bem similares “A Giacomo Leopardi”, são: “Desiludida”, “Vencida”, “Eu estou fatigada” e “Alma solitária”, em que se observa não um “sentimentalismo amoroso e piegas”, comumente associado aos poetas que compuseram o Romantismo, mas um padecimento em relação às incertezas e dores humanas.

Sylvia Paixão (2004) diz que o pessimismo de Cortines é percebido desde a primeira página de *Vibrações* (1905). Logo na epígrafe, a poetisa cita o poema “Le cri”, da também poetisa Louise Ackerman, “cujo pessimismo e espírito negativo haviam chamado a atenção dos críticos” (PAIXÃO, 2004, p. 477). Nessa obra, a morte é um tema recorrente, mas, conforme estipula Paixão, isso se deve ao espírito decadentista, “característico do período em que viveu Júlia Cortines” (PAIXÃO, 2004, p. 479).

Para Ramos (1967, p. 235), Cortines era uma poetisa “inteiramente pessimista, só enxergava a dor, e viria a negar os mitos religiosos, a alma, a existência de além-túmulo”. Um dado interessante acerca de *Vibrações* (1905), diz respeito ao tema fé, como informa Ramos (1967), a palavra “Deus” quase não aparece. No poema

“Renúncia”, é possível constatar o que seria possivelmente a incredulidade da poetisa, visto nos seguintes versos: “Eu não venho, através da sombra que te vela,/Deus, ilusão cruel, à face soberana/Lançar-te, num clamor, que fustiga e flagela,/Uma blasfêmia insana” (LAXE, 2010, p. 158). Para além desse poema, cita-se, também, “À beira do abismo”, em que pode ser facilmente verificado o ateísmo de Cortines, bem como quando o eu lírico fala do “Deus bom”, “Deus justo”, “Deus onipotente” com certa dose de ironia. Segundo o eu lírico, esse “Deus de face oculta”, tão aclamado pelo povo, é insensível e indiferente às dores humanas.

É por esse e outros motivos que José Veríssimo (1907) considera Cortines uma poetisa diferenciada. Segundo ele argumenta, há, em seus versos, uma concepção menos romantizada da vida e da realidade. Nesse sentido, é interessante apresentarmos o que afirma Manuel Bandeira (1951), em *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Para ele, o que diferencia um poeta parnasiano de um romântico não é a ausência de sentimentalismo, “que sentimentalismo, entendido como afetação de sentimento, também existiu nos parnasianos, mas de uma certa meiguice dengosa e chorona” (BANDEIRA, 1951, p. 15). Os poetas parnasianos possuem uma visão mais objetiva da realidade, o lirismo amoroso e piegas dos românticos cedeu lugar para a objetividade dos parnasianos.

Na obra *Vibrações* (1905), Júlia Cortines escreve poemas dedicando a poetas e intelectuais que possivelmente seriam suas inspirações, como é o caso dos poetas Giacomo Leopardi, Filinto de Almeida e Lúcio de Mendonça; além das poetisas brasileiras Júlia Lopes de Almeida (com o poema “O Lago”); Adelina Lopes Vieira (com o poema “O Anoitecer”) e Presciliana Duarte de Almeida (com o poema “O Deserto”). Além dessas intelectuais das letras nacionais, Cortines menciona também as italianas Ada Negri (com o poema “Sinal na Frente”) e Annie Vivanti (com o poema “Eu estou Fatigada”).

Júlia Cortines foi caracterizada por seus companheiros por ser uma poetisa de ideias fortes e viris, conforme observou Wenceslau de Queiroz (1905). No poema “Fracos”, exposto mais à frente, verificamos a força dessa mulher, a qual, apesar dos obstáculos impostos ao sexo feminino e da condição de fraqueza comumente associada a ele, é aversa à inércia e à fraqueza:

Fracos, odeio a inércia e detesto a fraqueza.
Prefiro a mão que esmaga ou que vibra o punhal
À doce e inconsciente e nefasta moleza,
Que é para a alma do forte um veneno mortal
(LAXE, 2010, p. 163).

Sobre esse poema, Péricles Eugênio Ramos (1967) argumenta que o pensamento de Júlia Cortines parece nietzschiano, ou seja, para ele, essa poetisa possivelmente teria se inspirado no filósofo alemão para compô-lo, sobretudo se se considerar o fato de, àquela época, os livros de Nietzsche, em tradução francesa, já circularem no Brasil.

Dito isso, como objetivamos demonstrar, por meio do método quantiquantitativo de análise, a existência de alguns elementos formais característicos da poética parnasiana na produção de Cortines, precisamente em *Vibrações* (1905), importa dizermos que os poetas parnasianos tinham um grande interesse em retomar o modo de produção da poética clássica, a qual foi repudiada e combatida pelos românticos. Nesse novo contexto de produção literária, o soneto e o verso alexandrino voltam com grande força, além do uso recorrente dos processos de acomodações silábicas sinalefa e sinérese. De acordo com Manuel Bandeira (1951, p. 19), um parnasiano “nunca dissera ‘a água’, ‘o ar’, contando o artigo como sílaba métrica a exemplo de Camões, que desse hiato tirou muita vez grande efeito”. Sendo, portanto, esses processos os responsáveis por criar o aspecto escultural da poesia parnasiana, tão observados em Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.

Ademais, o primeiro dado observado no *corpus* que criamos na ferramenta Aoidos foi justamente a quantificação dos poemas de formas fixas presentes em *Vibrações* (1905)⁶. Dos 47 poemas que a compõem, 18 deles são sonetos; isso equivale a pouco mais de 38%, um número expressivo, se comparado às demais formas de poemas presentes na obra. Para afinar essa informação, abaixo segue a fig. 01, que corresponde à escansão automática do soneto “O lago” e que serve, de certa forma, para comprovar esses dados:

⁶ A ferramenta Aoidos não diz exatamente se um poema é do tipo soneto e/ou demais formas fixas de poemas, porém ela ajuda nesse processo. Através da escansão automática dos poemas que compõem a obra, e ainda, por meio dos nossos conhecimentos sobre as normas de versificação, é possível fazer tal afirmação.

2-4-6-8-10-12	hum	po- _	co	d'á -	gua	então,	e_a o	divertido -	fazer _ um -	eu sou um	você	la- _	ma.
2-4-8-12	hum	po- _	co	d'á -	g_u_a_e_m	That,	nã_o_e_n -	bronzeados -	para,	se	re- _	tra- _	ta
2-6-8-12	O	pá -	ssa- _	ro	g_u_e_o	vo- _	q_a_o -	sa- _	re- _	sa- _	rre- _	ba- _	ta,
2-4-6-9-12	E_o	ru- _	bro_e_n -	barbatana-	fazer	cêu	fazer	cre- _	pus -	cu- _	eu sou	cha- _	ma.
1-6-10-12	Á -	gua	That	se	trans- _	mu- _	d_a_e_m	re- _	lu- _	zen- _	te	pra- _	ta,
1-4-6-8-12	Quan-	fazer,	fazer	bos- _	g_u_e_e_m	flor,	g_e_a_s	bri- _	sa- _	s em-	bal- _	sa- _	mãe,
2-4-6-9-12	A	lu- _	a,	co- _	você -	ma_ã_u -	r_e_a_e	fi- _	ni- _	ssi- _	mãe	tra- _	mãe,
1-3-6-8-10-12	Pe-	lo -	s om -	manos	da	Noi- _	t_e_a	su- _	a	luz	de- _	sa- _	ta.
1-3-4-6-10-12	Po e -	ta,	co- _	mo_e -	sse	la- _	ir_a -	dor -	eu- _	ci- _	fazer	mu- _	fazer,
1-3-4-6-8-12	Em -	de	nã_o h-	a,	se -	que -	rum	frê -	mi- _	para	de	vi- _	da,
1-3-4-6-10-12	Em -	de	tu- _	do é eu -	lu- _	então -	rio	pa- _	ssa- _	gei- _	r_o_ê	tu- _	fazer,
2-4-6-9-12	E- _	xis- _	tem,	então -	b_r_e_u_m	divertido -	faça_você	de	la- _	eu sou você	d_e_a -	rei- _	a,
1-6-8-12	Al- _	ma- _	s em	That	tu	vê -	sa- _	pe- _	nas	re- _	fugir -	ti- _	da
2-3-4-6-9-12	A	você é,	al- _	ma_o -	d_e_o	então -	nh_o_a_s -	tros	d_e_o_i -	ro	se -	mei- _	ta.

Figura 01: Escansão automática do poema “O lago”/Fonte: Aoidos.

Na imagem, vemos o grupo isométrico do poema e o seu esquema rítmico. É possível vermos, ainda, quais os processos de acomodações silábicas que foram utilizados pela poetisa para compor esse soneto, bem como o uso da crase, sinalefa, elisão e sinérese.

No tocante à quantificação dos metros, verificamos que dos 847 versos que compõem *Vibrações*, 622 deles fazem parte do grupo isométrico de 12 sílabas, sendo todos alexandrinos clássicos (outro elemento formal associado à poesia parnasiana), isto é, mais da metade do *corpus* (61,70%). Desses, somente 116 versos são decassílabos (pouco mais de 10%). Esse dado confirma a crítica feita por Péricles Eugênio da Silva Ramos (1967), a de que há predominância maior do alexandrino clássico em *Vibrações* (1905). No gráfico abaixo, é possível observarmos, de modo mais claro, a disposição dos esquemas métricos em *Vibrações*:

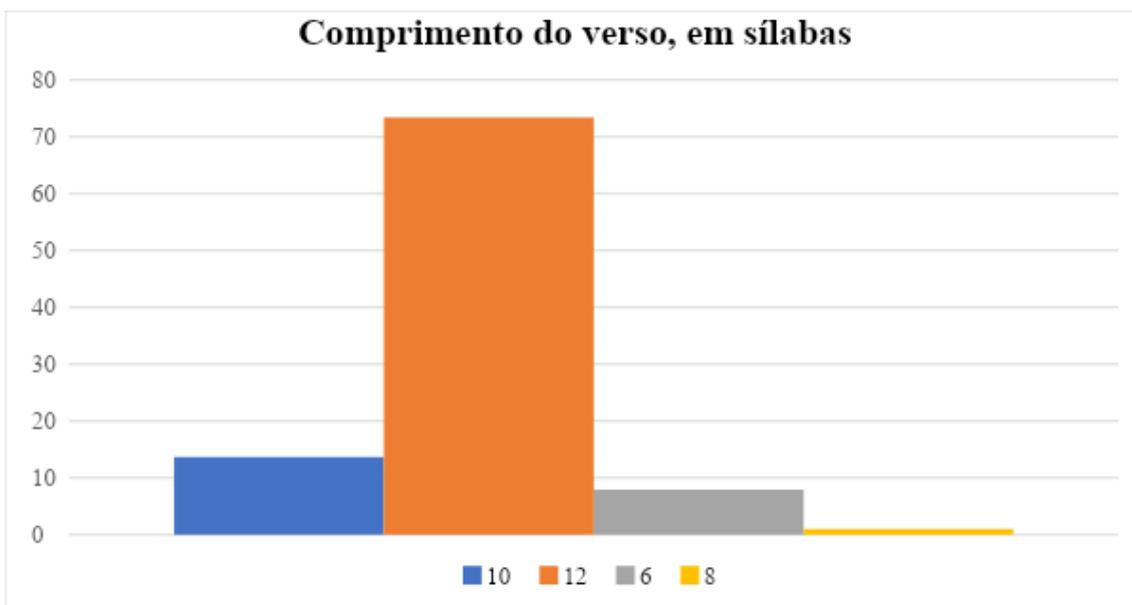


Gráfico 01: disposição dos metros em *Vibrações* (1905). **Fonte:** Aoidos.

A partir dos resultados gerados pelo Aoidos, podemos afirmar que o metro mais recorrente em *Vibrações*, de Júlia Cortines, é o verso composto por 12 sílabas poéticas, ou melhor, o alexandrino clássico. Depois dele vêm os metros: decassílabo, hexassílabo e octossílabo. Em se tratando precisamente do verso alexandrino clássico, interessa expormos o que sugerem Bilac e Passos (2012). Para eles, nem todo verso formado por doze sílabas poéticas pode ser classificado como sendo alexandrino clássico, para que o seja, é necessário que este esteja de acordo com as seguintes regras: “1.º, quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave, a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um h; 2.º, a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula” (BILAC; PASSOS, 2012, p. 68). Entretanto, quando a última sílaba do primeiro hemistíquio é aguda, a regra diz que a primeira palavra do segundo hemistíquio pode começar por qualquer letra, seja vogal ou consoante. Do contrário, dizem eles, caso o verso de doze sílabas não siga tais regras, este passa a ser denominado dodecassílabo.

Para facilitar a compreensão, abaixo segue, de maneira bem didática, a análise manual que fizemos do poema “Fracos”, de Júlia Cortines:

Métrica⁷

Esquema Rítmico

Fra/cos,/ o/de/io a i/nér/cia e/ de/tes/to a/ fra/**que**/za.
 Pre/fi/ro a/ mão/ que es/**ma**/ga ou/ que/ vi/bra o/ pu/**nhal**
 À/ do/ce e in/cons/ci/en/**te** e/ ne/faz/ta/ mo/**le**/za,
 Que é/ pa/ra a al/**ma**/ do/ for/te um/ ve/ne/no/ mor/**tal**.

UUU U //UU UU U
 U U U //UU UU
 U UUU //UU UU U
 U UUU //UU UU

Co/mo/ de en/con/tro à/ cos/ta, em/ on/das/ re/man/**sa**/das
 Cho/ra o/ mar,/ ou/ se a/ti/ra em/ bra/vos/ va/ga/**lhões**,
 A/ssim/ de en/con/tro a/ vós,/ al/mas/ a/tor/men/**ta**/das,
 Fre/mem/ de ó/dio e/ de a/mor/ os/ no/ssos/ co/ra/**ções**.

UUU U //U UUU U
 UU UU //U UUU
 U UUU //U UUU
 UU UU //U UUU

Al/mas/ fra/cas,/ fu/gin/do à as/pe/re/za/ das/ **li**/des,
 Sem/ um/ es/for/ço/ pa/ra às/ co/rren/tes/ o/**por**,
 Pe/lo/ ri/o/ do/ tem/po a/rre/ba/ta/das/ **i**/des,
 Des/ta ou/ da/que/la/ va/ga a/ boi/ar/ ao/ sa/**bor**

UU UU //UU UU U
 UUU U //UU UU
 UU UU //UUU U U
 UUU U //UU UU

Que/ vos/ im/por/ta a/ vós/ a a/go/ni/a/ da/ **lu**/ta,
 A ân/sia/ de/ po/ssu/ir,/ o in/fi/ni/to as/pi/**rar**?
 Que/ vos/ im/por/ta a/ vós/ a/ de/cep/ção/ que en/**lu**/ta,
 Se/ não/ sa/beis/ que/rer,/ nem/ sa/beis/ a/do/**rar**?!

UUU U //UU UU U
 UUU U //UU UU
 UUU U //UUU U U
 UUU U //UU UU

Exposto isso, com o intuito de verificarmos as premissas levantadas por Bilac e Passos (2012), observemos os versos da primeira estrofe:

Fra/cos,/ o/de/io a i/nér // **cia** e/ de/tes/to a/ fra/que/za.
 Pre/fi/ro a/ mão/ que es/**ma** // **ga** ou/ que/ vi/bra o/ pu/nhal
 À/ do/ce e in/cons/ci/en // **te** e/ ne/faz/ta/ mo/le/za,
 Que é/ pa/ra a al/**ma**/ do/ **for** // **te** um/ ve/ne/no/ mor/tal

Todos os versos acima são classificados alexandrinos clássicos, assim como todos os outros das estrofes seguintes. Tais versos são formados por doze sílabas poéticas, divididos em dois hemistíquios, cada um deles com seis sílabas poéticas (hexassílabos), cujas últimas palavras (paroxítonas) terminam com sílabas graves (**ner**, **ma**, **en**, **for**). Logo em seguida, as sílabas átonas finais das palavras (**cia**, **ga**, **te**, **te**) se juntam com as primeiras sílabas do segundo hemistíquio (**e**, **ou**, **e**, **um**), havendo, portanto, o uso obrigatório de uma sinalefa. Agora, verifiquemos os versos da última estrofe do poema cotejado:

⁷Essa análise é feita conforme o sistema de metrificação portuguesa, em que a contagem das sílabas métricas é feita somente até a última sílaba tônica do verso. Para mais exemplos, ver o artigo *Introdução a um estudo do verso de Alberto Ramos*, de Santos e Silva (2021).

Que/ vos/ im/por/ta a/ **vós** // a a/go/ni/a/ da/ lu/ta,
A ân/sia/ de/ po/ssu/**ir**, // o in/fi/ni/to as/pi/rar?
Que/ vos/ im/por/ta a/ **vós** // a/ de/cep/ção/ que en/lu/ta,
Se/ não/ sa/beis/ que/**rer**, // nem/ sa/beis/ a/do/rar?!

Iguais aos versos da primeira estrofe, os versos da última estrofe também são alexandrinos clássicos, a diferença é que esses terminam em sílabas agudas (**vós**, **ir**, **vós**, **rer**), isto é, oxítonas. Isso significa que a primeira palavra do segundo hemistíquio não precisou começar por uma vogal ou consoante específica. Exemplos semelhantes a esses são os que são verificados o poema “A morte de Tapir”, de *Poesias* (1888), de Olavo Bilac, em que se nota versos nas duas formas de compor alexandrinos: alexandrinos formados por versos graves e alexandrinos formados por versos agudos:

Que/ Ta/pir/ pe/ne/**trou** // no/ se/io/ da/ flo/res/ta.

[...]

Dos/ a/nos/ a/cur/**va**//**do**, o o/lhar/ fais/can/do a/ce/so,

Ainda no que toca aos elementos formais de versificação associados à poética parnasiana, vale dizermos o que sugere Péricles Eugênio da Silva Ramos (1968) a respeito dos decassílabos heroicos e sáficos. Segundo informa ele, os poetas ditos parnasianos tinham, semelhante aos poetas românticos, um gosto acentuado pelo decassílabo heroico. Diz Ramos que os parnasianos, “na utilização do decassílabo, variavam muito as tônicas internas fortes, de modo que entre eles só por exceção se encontrará o decassílabo sáfico, uniformemente, em composições inteiras ou mesmo estrofes seguidas” (1968, p. 74).

Assim sendo, resolvemos verificar a disposição dos decassílabos heroicos e sáficos em *Vibrações* (1905), de Júlia Cortines. Vejamos os resultados:



Gráfico 02: Disposição dos decassílabos heroicos e sáficos em *Vibrações* (1905). **Fonte:** Aoidos.

Os resultados acima mostram que Cortines, ao contrário do que pontua Péricles Eugênio (1967) acerca do interesse dos parnasianos para com o decassílabo heroico, usa mais o decassílabo sáfico, embora a diferença nessa sua obra entre heroicos e sáficos não seja tão grande. Os percentuais são os seguintes: heroicos (20,7%) e sáficos (25,9%).

Contudo, convém dizermos que, para fazermos um julgamento mais preciso da obra de Júlia Cortines no que toca à disposição dos decassílabos heroicos e sáficos, o mais certo seria, talvez, realizarmos um levantamento automático da disposição de heroicos e sáficos nas duas obras de Júlia Cortines, *Versos* e *Vibrações*, pois teríamos uma precisão maior dos resultados gerados, em suma, porque ela publicou somente essas duas obras.

A análise automática dos processos de acomodações silábicas em *Vibrações* se mostrou muito interessante. Conforme disseram Manuel Bandeira (1851) e Péricles Eugênio da Silva Ramos (1967), os poetas da “fase parnasiana” fizeram grande uso dos metaplasmos sinalefa e sinérese, ao passo que usaram bem menos a diérese e o hiato. Logo, os resultados gerados pelo Aoidos no que toca à *Vibrações* são os seguintes:

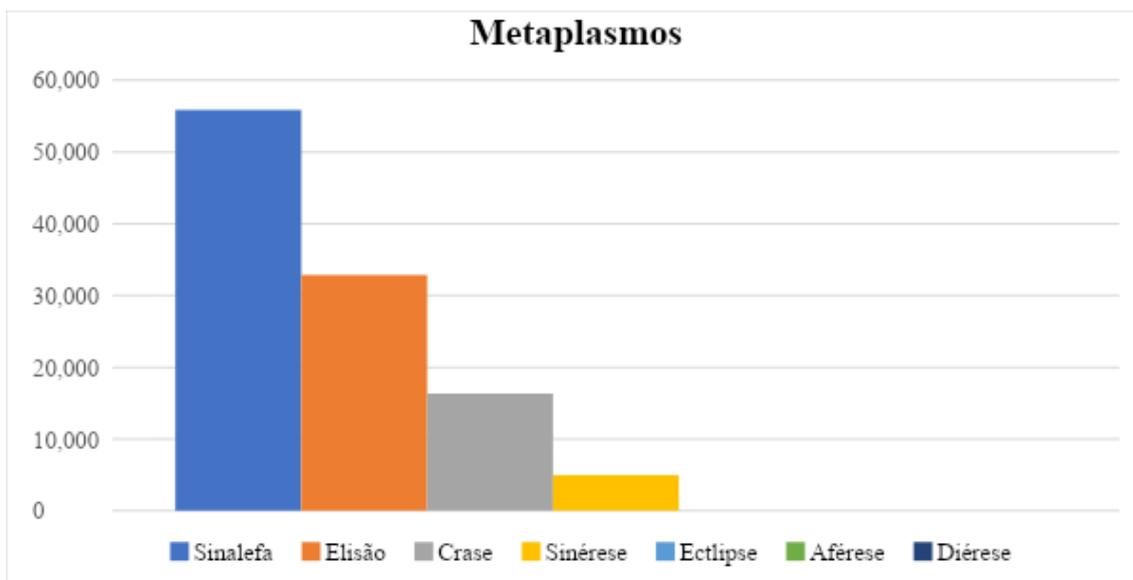


Gráfico 03: Distribuição dos metaplasmos em *Vibrações* (1905). **Fonte:** Aoidos.

Quanto à disposição dos metaplasmos em *Vibrações*, observamos a proeminência da sinalefa (que corresponde ao total de 55.845), da elisão (32.874), da crase (16.335) e da sinérese (5.003). Embora Cortines utilize, nessa sua obra, os metaplasmos eclipse, aférese e diérese, notamos que os resultados deles, se comparados com os resultados dos outros metaplasmos citados, são bem inferiores. Esses dados dialogam, de certo modo, com os apontamentos críticos feitos por Bandeira (1951) e Ramos (1967; 1968) acerca do gosto pela sinalefa e sinérese por parte dos poetas “parnasianos”, pelo menos em se tratando de *Vibrações*, de Júlia Cortines. Vemos que o uso da sinalefa é bem maior, a sinérese também é empregada pela poetisa, ao passo que a diérese quase não é utilizada.

Considerações finais

A partir das discussões feitas e das informações colocadas neste trabalho, não há como não notar a importância e relevância da produção poética de Júlia Cortines, poetisa que teve, tal qual suas contemporâneas Francisca Júlia da Silva e Júlia Lopes de Almeida, participação e colaboração ativa na cena literária brasileira, representando a força da mulher nas letras, e que, mesmo não constando nas histórias literárias, bem como na grande maioria das antologias poéticas, merece o devido valor e reconhecimento.

Outrossim, no tocante aos elementos formais de construção do verso presentes em sua produção literária, em específico de *Vibrações* (1905), constatou-se a proeminência desta quanto à poética parnasiana. Péricles Eugênio da Silva Ramos (1967) pontua o interesse da poetisa de Rio Bonito pelos elementos formais da poética parnasiana desde a publicação de sua primeira obra, *Versos* (1894). Todavia, segundo escreve o crítico e poeta, em *Vibrações* (1905), a preponderância por tais elementos aumentou, em verdade, quando se fala da recorrência dela ao verso alexandrino clássico, usado bem mais que o verso decassílabo. Informação essa constatada no estudo, existe, sim, uma predominância maior do verso alexandrino nessa obra, ao passo que o decassílabo quase não aparece.

De mais e mais, percebe-se, também, o interesse dela pelo soneto, sinalefa e sinérese, elementos formais muito característicos do Parnasianismo, sem deixar de mencionarmos a impessoalidade e a linguagem objetiva empregada nos poemas, uma maneira de escrever muito diferente dos poetas que compuseram o chamado Romantismo, denominado pelos poetas realistas e parnasianos como uma “escola de lirismos piegas, etéreos, fora de moda; escola de luas, flores, namoradas impalpáveis, pálidas, adormecidas...” (BORGES; ESTEVES; SCARABELOT, 2021, p. 04).

Referências

A. A. Palestra. *O País*, Rio de Janeiro, 28 out. 1894, ed. 3680, p. 01. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&Pesq=%22J%c3%b alia%20Cortines%22&pagfis=11084. Acessado em: 12 jul. 2022.

ANÔNIMO. Gazetinha Literária. *A Semana*, Rio de Janeiro, 19 maio 1894, p. 03, ed. 42. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=383422&Pesq=%22J%c3%b alia%20Cortines%22&pagfis=1660>. Acessado em: 12 jul. 2022.

ANÔNIMO. Bibliografia. *O País*, Rio de Janeiro, 05 nov. 1894, ed. 3688, p. 03. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&Pesq=%22J%c3%b alia%20Cortines%22&pagfis=11159. Acessado em: 12 jul. 2022.

ALGUSTO, Otávio. Uma poeta brasileira. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 01397, 08 de maio, 1905, p. 03. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&pesq=%22J%c3%b alia%20Cortines%22&pagfis=8050. Acessado em: 03 abr. 2022.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. 3. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

BILAC, Olavo. *Poesias: 1884 — 1887*. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1888.

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimarães. *Tratado de Versificação*. Manaus: Editora Valer, 2012.

BORGES, Isabela Melim; ESTEVES, Gabriel; SCARABELLOT, Leandro. A representação da figura feminina em alguns poemas da batalha do parnaso. *Revista Em tese*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, set.-dez., p. 175-190, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/18582/112561434>. Acessado em: 26 abr. 2022.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antonio. Os primeiros baudelairianos. In.: CANDIDO, Antonio (org.). *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 23-38. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/antonio-candido-a-educacao-pela-noite.pdf>. Acessado em: 26 abr. 2022.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CORTINES, Júlia. Esboço. *A Semana*, Rio de Janeiro, 04 maio 1895, ed. 83. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=383422&Pesq=%22J%c3%balia%20Cortines%22&pagfis=1949>. Acessado em: 11 jul. 2022.

CORTINES, Júlia. A minha musa. *A Semana*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1895, ed. 89. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=383422&Pesq=%22J%c3%balia%20Cortines%22&pagfis=1998>. Acessado em: 11 jul. 2022.

CORTINES, Júlia. Esboço. *O Farol*, Minas Gerais, 15 fev. 1913, ed. 38, p. 01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=258822&pesq=%22J%C3%BAlia%20Cortines%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=30049>. Acessado em: 13 jul. 2022.

CORTINES, Júlia. *Versos e Vibrações*: coleção Austregésilo de Athayde. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

CUNHA, Fausto. A poesia esquecida de Júlia Cortines. *Letras e Artes: suplemento de A Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 00294, 13 de abril, 1954, p. 03. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/114774/per114774_1954_00294.pdf. Acessado em: 03 abr. 2022.

LYP. Poesia. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 abril 1905, ed. 132, p. 03.
Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22J%C3%BAlia%20Cortines%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=9723.
Acessado em: 12 jul. 2022.

MENDONÇA, Lúcio de. As três Júlias. *Almanaque Brasileiro*, Rio de Janeiro, ed. 00008, p. 246. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348449&pesq=%22J%C3%BAlia%20Cortines%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=3074>. Acessado em: 12 jul. 2022.

MOISÉS, Massaud. *A literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

PAIXÃO, Sylvia. Júlia Cortines. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis / Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/Editora Edunisc, 2004, p. 477-483.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

QUEIROZ, Wenceslau de. Crônica Literária. *Correio Paulistano*, São Paulo, ed. 14.966, 09 de abril, 1905, p. 01. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq=%22J%C3%BAlia%20Cortines%22&pagfis=6359. Acessado em: 07 abr. 2022.

RAMOS, Péricles Eugênio da. *Poesia Parnasiana*. São Paulo: Edições Melhoramento, 1967.

RAMOS, Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1968.

SANTOS, Alckmar Luiz dos; SILVA, Thais Piloto da. Introdução a um estudo do verso de Alberto Ramos. *Revista de Letras Juçara*, v. 4, n. 02. Disponível em:
<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2380/1728>. Acessado em: 26 abr. 2021.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira: 6ª Série*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1907.

Enviado em: 20/01/2024

Aceito em: 28/03/2024